

Pr. Leandro B. Peixoto  
Segunda Igreja Batista em Goiânia  
www.sibgoiania.org  
24 de maio de 2026

Hebreus: A Superioridade de Cristo  
Mensagem nº 41

---

## Duas razões para não desistir

### Hebreus 6.13-18 (NAA)

<sup>13</sup>Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, <sup>14</sup>dizendo: “Certamente eu o abençoarei e multiplicarei os seus descendentes.” <sup>15</sup>E assim, depois de esperar com paciência, Abraão obteve a promessa. <sup>16</sup>Porque as pessoas juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, põe fim a toda discussão. <sup>17</sup>Por isso, Deus, quando quis mostrar com mais clareza aos herdeiros da promessa que o seu propósito era imutável, confirmou-o com um juramento. <sup>18</sup>Ele fez isso para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que já corremos para o refúgio, tenhamos forte alento, para tomar posse da esperança que nos foi proposta.

## O cansaço de quem esperou demais

Existe um tipo de cansaço que não aparece no rosto. Não é o cansaço de quem trabalhou demais. É o cansaço de quem esperou demais, lutou de mais — e começa a se perguntar se valeu a pena.

Talvez você conheça esse cansaço. A oração que você faz há anos e ainda não foi respondida. O familiar que você evangeliza há décadas e ainda não veio a Cristo. A situação que não muda. A perseguição que não finda. A promessa de Deus que você continua repetindo para si mesmo — mas com menos convicção do que antes.

A carta aos Hebreus foi escrito para pessoas assim.

Cristãos que estavam começando a derivar. Não de forma dramática — não havia apostasia declarada, não havia negação pública da fé. Era algo mais sutil. A esperança cristã estava começando a parecer menos real do que as esperanças que o mundo oferecia. E aos poucos, sem perceber, eles estavam ficando — como o próprio texto diz em Hebreus 6.11-12 — “preguiçosos”. Lentos. Sem vigor. Sem aquela convicção que um dia os havia movido.

E o autor desta carta sabia que esse entorpecimento é perigoso. Ele diz nos versículos 11-12:

<sup>11</sup>Desejamos que cada um de vocês continue mostrando, até o fim, o mesmo empenho para a plena certeza da esperança, <sup>12</sup>para que não se tornem preguiçosos, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela paciência, herdaram as promessas.

É “pela fé e pela paciência” que herdamos as promessas — não pela euforia do momento ou de alguma experiência. E manter essa fé exige diligência. Derivar na vida cristã é mortal. Pouco a pouco a esperança da glória, a grandeza da vida eterna com Deus, a preciosidade de Cristo — tudo isso pode começar a perder cor. E de repente você se descobre, como Esaú, tão insensível à realidade espiritual que só consegue chorar pela perda — mas já não consegue verdadeiramente se arrepender (Hb 12.16-17).

É para guardar seus herdeiros disso que Deus age, conforme nós lemos em Hebreus 6.13-18. Tudo nessa passagem — cada argumento, cada referência a Abraão, cada menção ao juramento de Deus — está a serviço de um único propósito: *produzir em nós o forte alento necessário para nos agarrarmos à esperança e não nos tornarmos preguiçosos (vs. 11-12)*. Deus está trabalhando agora, por meio da sua Palavra, para que isso não aconteça com você.

Releia os versículos 17 e 18 — o coração do nosso texto:

<sup>17</sup>Por isso, Deus, quando quis mostrar com mais clareza aos herdeiros da promessa que o seu propósito era imutável, confirmou-o com um juramento. <sup>18</sup>Ele fez isso para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que já

corremos para o refúgio, tenhamos forte alento, para tomar posse da esperança que nos foi proposta.

Notem o que o texto revela sobre o coração de Deus para vocês. **Versículo 17:** “Deus, quando *quis mostrar* com mais clareza aos herdeiros da promessa que *o seu propósito era imutável...*” **Versículo 18:** “Ele fez isso para que... *tenhamos forte alento.*”

Há uma palavra no versículo 17 que não podemos deixar passar: “quis”. Deus **quis** mostrar. Não foi obrigado. Não foi pressionado. Ele **desejou** agir — com propósito, com determinação — para garantir que seus herdeiros tivessem **forte alento**.

Isso é o que Deus quer produzir no seu coração hoje, por meio da Palavra. Não é uma exigência que ele faz de você. É um desejo que ele tem para você. Ele não está dizendo: “Tenha esperança ou sofra as consequências.” — ainda que isso seja a mais absoluta verdade. Mas não, ele está dizendo: “Fiz tudo o que era possível para que você tenha esperança inabalável.”

Não ansiedade. Não dúvida. Não desânimo. **Forte alento**.

Mas o que é forte alento? A palavra grega é **paráklēsis** — e vale a pena entendê-la por dentro.

**Pará** significa “ao lado de.” **Klēsis**, de **Kaléō**, significa “chamar.” **Forte alento** é, literalmente, **ser chamado para ter alguém ao seu lado**. Não é euforia. Não é otimismo de quem ainda não viu o problema de perto. É a sustentação que vem de saber que você não está sozinho — que há alguém maior do que você posicionado ao seu lado, fortalecendo-o.

Pense num alpinista no meio da escalada. O vento bate. Os braços cansam. A rocha é lisa. Ele olha para baixo e sente a vertigem. Nesse momento, o que ele precisa não é de alguém lá embaixo gritando: “Você consegue!”. Ele precisa sentir que a corda está firme. Que há alguém acima dele — que já chegou onde ele ainda não chegou — e que está segurando com força, puxando-o.

Esse é o forte alento que Deus quer dar. Não a ausência do perigo, mas a certeza de que a corda aguenta — e Cristo nos puxa. E segundo o **versículo 18**, a corda tem dois pontos de ancoragem. São exatamente esses dois pontos — essas **DUAS RAZÕES PARA NÃO DESISTIR** — que vamos ver juntos.

**Razão 1:** A *promessa* de Deus é imutável (Hb 6.13-15, 17).

**Razão 2:** O *juramento* de Deus é inabalável (Hb 6.13, 16-18).

## Razão 1:

### A promessa de Deus é imutável

<sup>13</sup>Pois, quando Deus fez a **promessa** a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, <sup>14</sup>dizendo: “Certamente eu o abençoarei e multiplicarei os seus descendentes.” <sup>15</sup>E assim, depois de esperar com paciência, **Abraão obteve a promessa.** [...] <sup>17</sup>Por isso, Deus, quando quis mostrar com mais clareza aos herdeiros da promessa que **o seu propósito era imutável**, confirmou-o com um juramento.

O autor de Hebreus começa no terreno comum que compartilha com seus leitores: a autoridade do Antigo Testamento. E esse deve ser nosso terreno comum também — pois o próprio Jesus sancionou a verdade e a autoridade das Escrituras hebraicas, quando disse que não veio para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los (Mt 5.17-18).

Então, em Hebreus 6.13, o autor se refere a uma promessa e a um juramento que Deus fez a Abraão. O texto está em **Gênesis 22.16-18**, logo após o episódio do sacrifício de Isaque:

<sup>16</sup>Porque você — Abraão — fez isso e não me negou o seu filho, o seu único filho, <sup>17</sup>que certamente <sup>[2.]</sup> **o abençoarei e multiplicarei a sua descendência** como as estrelas dos céus e como a areia que está na praia do mar. Sua descendência tomará posse das cidades dos seus inimigos. <sup>18</sup>Na sua descendência serão benditas todas as nações da terra, porque você obedeceu à minha voz.

O autor de Hebreus vê duas coisas nesse texto de Moisés: uma **promessa** (v. 17-18) e um **juramento** (v. 16). A promessa é que Abraão seria abençoado, seus descendentes multiplicados e triunfantes sobre seus inimigos (vs. 17-18). O juramento está nas palavras de **Gênesis 22.16**: “juro por mim mesmo, diz o SENHOR”. Deus promete (“Vou abençoar!”; vs. 17-18) — e jura (“Juro por mim mesmo!”; v. 16). Não uma coisa. Duas.

Fiquemos por agora com a promessa.

### **Por que essa promessa nos diz respeito?**

A primeira pergunta que precisamos responder é esta: por que nós, cristãos, os quais somos, na maioria, gentios, aqui em Goiânia, Goiás, Brasil... por que deveríamos nos encorajar com uma promessa feita a Abraão e seus descendentes?

O texto responde com três movimentos:

- I. Já em Gênesis, **Abraão seria pai de muitas nações**, não apenas de Israel. Em **Gênesis 17.4** Deus diz: “Esta é a minha aliança com você: você será pai de muitas nações.” O conceito de descendentes gentios (descendentes brasileiro, goianos, goianienses) de Abraão não é invenção do Novo Testamento — está no próprio Gênesis.
- II. **Hebreus 3.19** mostra que muitos descendentes físicos de Abraão não herdaram as promessas — “não puderam entrar por causa da incredulidade.” **Não foi a etnia que os excluiu**. Foi a incredulidade. O que qualifica alguém como herdeiro não é o sangue de Abraão — é a fé de Abraão.
- III. E isso é decisivo — a promessa e o juramento de **Gênesis 22** foram feitos em resposta direta à **fé obediente** de Abraão ao oferecer Isaque. “Porque você — Abraão — fez isso e não me negou o seu filho, o seu único filho, juro por

mim mesmo, diz o SENHOR, que certamente o abençoarei e multiplicarei a sua descendência” (vs. 16-17) A qualificação não era a judaicidade — ou etnia — de Abraão. Era a fé de Abraão.

E é exatamente o que **Hebreus 6.12** implica, ao dizer: É “pela fé e pela paciência” que herdamos as promessas. E o **versículo 18** confirma: os destinatários do forte alento somos “nós, que já corremos para o refúgio” — aqueles que, como Abraão, correram para Deus em fé desesperada e humilde.

Quando **Abraão ofereceu Isaque**, ele tinha apenas uma esperança: que Deus, graciosa e milagrosamente, o ressuscitaria dentre os mortos e cumpriria sua palavra. Como **Hebreus 11.19** nos diz, Abraão considerou que Deus era poderoso até para ressuscitar mortos. Essa foi a fé de Abraão. Não uma fé fácil — uma fé que foi ao limite do que um pai pode suportar. E foi exatamente por isso que Deus confirmou o pacto e a promessa com ele. Não pela sua descendência judaica. Antes, pela sua fé na promessa do SENHOR.

E é por isso que ele é pai de uma multidão de nações. A promessa de Abraão é herdada pela fé. Foi assim que ele a herdou — **Hebreus 6.15**: “depois de esperar com paciência, Abraão obteve a promessa.” E é assim que nós, gentios, a herdamos também. Como Paulo diz em **Romanos 4.16**: “A fim de que a promessa seja garantida... à descendência que tem a fé que Abraão teve — porque Abraão é pai de todos nós” — judeus e gentios, israelenses e goiânienses, os de ontem e os de hoje.

Não importa, portanto, qual é a sua origem étnica. Não importa de onde você vem. O que faz herdar a promessa de Abraão é correr para Cristo como refúgio — e se agarrar à esperança que ele oferece gratuitamente a todos que nele confiam.

## E qual é essa promessa?

**Hebreus 6.14:** “Certamente eu o abençoarei.”

O autor de Hebreus não está pensando em bênçãos materiais e passageiras. Está pensando na **bênção final, definitiva, eterna** — eleição, regeneração, justificação, adoção, santificação, glorificação. Vida com Deus para sempre. Alegria indizível. Vitória sobre todos os nossos inimigos: o pecado, a culpa, a vergonha, a morte, o inferno e Satanás. Essa é a promessa de Deus.

E **Hebreus 6.17** a descreve com uma palavra poderosa: “propósito imutável.” Deus não muda de ideia. Não revisa seus planos. Não cancela o que prometeu. Não estorna a herança. A promessa que ele fez a Abraão — e que é de todos os que correm a Cristo em fé — não tem prazo de validade, não tem cláusula de rescisão, não depende do seu desempenho para permanecer válida.

Quando a esperança começa a enfraquecer — quando a oração parece não chegar a lugar nenhum, quando o cansaço de esperar pesa demais — a primeira razão para não desistir é esta: a promessa de Deus não mudou. O que ele disse a Abraão, ele diz a você. E o que ele disse, ele cumprirá.

## A razão para a promessa e o juramento de Deus

Mas Deus sabia que precisávamos de mais — mais do que promessa. O Senhor conhece nossa fraqueza. Conhece nossa tendência de duvidar, de deixar a esperança enfraquecer. E por isso ele fez algo extraordinário — algo que não precisava fazer, mas fez por amor a nós: **Deus jurou.**

E aqui precisamos parar e fazer a pergunta que o próprio autor de Hebreus faz a si mesmo ao meditar nesse texto:

**Por que Deus acrescentou um juramento a uma promessa?**

Ele certamente não precisava fazer isso para estabelecer sua palavra. Deus é Deus. Sua promessa já é suficiente. Quando Deus fala, o universo obedece. Quando Deus promete, o cumprimento é certo. Nenhum juramento é necessário para validar a palavra de Deus.

Por que, então?

**Hebreus 6.17** responde com precisão: “Deus, quando quis mostrar com mais clareza aos herdeiros da promessa que o seu propósito era imutável, confirmou-o com um juramento.” E o **versículo 18** completa: “Ele fez isso para que, mediante duas coisas imutáveis — *sua promessa e seu juramento* —, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que já corremos para o refúgio, tenhamos forte alento, para tomar posse da esperança que nos foi proposta.”

Deus não jurou por obrigação. Jurou por **misericórdia** pastoral. O juramento não foi necessário para a validade da promessa — foi necessário **para a nossa fraqueza**.

Deus viu nossa tendência de duvidar quando a pressão aumenta, viu nossa fragilidade diante do sofrimento prolongado, viu nossa inclinação de deixar a esperança enfraquecer quando a resposta demora — e agiu.

Deus acrescentou um juramento a uma promessa não porque a promessa era insuficiente, mas porque nós somos insuficientes.

Isso deveria nos causar espanto.

Deus se dobrou — por assim dizer — sobre a nossa incredulidade. Foi além do necessário. E o foi para dar a você o máximo de encorajamento que é possível dar.

**Mas com o quê — pelo quê — jurou?**

É aqui que o texto fica verdadeiramente extraordinário.

## Razão 2: O juramento de Deus é inabalável

<sup>13</sup>Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, [...] <sup>16</sup>Porque as pessoas juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, põe fim a toda discussão. <sup>17</sup>Por isso, Deus, quando quis mostrar com mais clareza aos herdeiros da promessa que o seu propósito era imutável, confirmou-o com um juramento. <sup>18</sup>Ele fez isso para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que já corremos para o refúgio, tenhamos forte alento, para tomar posse da esperança que nos foi proposta.

O **versículo 16** nos explica como funciona um juramento entre humanos: As pessoas juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, põe fim a toda discussão.

Quando alguém quer garantir a seriedade de uma promessa, jura por algo maior do que si mesmo. Jura pelo nome do pai. Pela honra da família. Por Deus.

O raciocínio é simples: se eu falhar, que o nome pelo qual jurei seja desonrado junto comigo. Quanto maior o valor daquilo pelo qual você jura, maior a credibilidade da sua promessa.

Agora o autor aplica esse princípio a Deus — e é aqui que o texto fica verdadeiramente extraordinário. **Versículo 13**: “quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo.”

Pense no que isso significa.

Deus quis dar a seus herdeiros o máximo de encorajamento possível. Para isso, precisava jurar pelo maior valor existente. Poderia ter jurado pelo sol e pela lua — grandes e majestosos. Poderia ter jurado pelo céu e pela terra — a imensidão das galáxias. Poderia ter jurado por Israel, o povo que ele ama. Poderia ter jurado pelos anjos — Gabriel, Miguel. Mas nenhum desses seria suficientemente grande para produzir o nível de alento que ele queria nos dar.

Há apenas uma realidade que Deus valoriza acima de tudo. Há apenas uma Pessoa cuja honra, dignidade, glória e beleza superaram infinitamente tudo o mais — infinitamente mais do que todo o resto combinado: **Deus mesmo**. E por isso ele jurou por si mesmo.

O que Deus está dizendo ao jurar por si mesmo é isto: “É tão improvável que eu quebre minha promessa de abençoá-los quanto é improvável que eu desonre a mim mesmo, que eu desonre o meu próprio nome.” E Deus jamais se desonrará. Ele não pode. Como o **versículo 18** diz: “é impossível que Deus minta”.

A razão pela qual Deus não pode mentir é que Deus não pode desonrar nem odiar a Deus. Ele não pode mentir mais do que pode deixar de ser Deus. Sua fidelidade à promessa e sua fidelidade a si mesmo são a mesma coisa. (*Deus não é injusto; cf. v. 10*)

Se pudesse ter ido mais alto, teria ido mais alto. Por quê? **Para dar a você forte alento**. Deus está alcançando o mais alto que pode alcançar para inspirar sua esperança inabalável — até o fim.

Isso deveria nos causar espanto.

Pense em como é extraordinário esse Deus. Seria fácil imaginar — e muitos imaginam! — um Deus que dissesse:

“Já disse o que tenho a dizer. Faça o que mando e pare de se preocupar com garantias. Faça o que é certo porque é certo — e pare de ficar pensando em como tudo vai terminar.”

É tão fácil imaginar um Deus assim que deveríamos nos surpreender que Deus não seja assim.

Esse não é o Deus de Hebreus 6. Esse Deus desceu ao nível da nossa fraqueza e incredulidade. Ele acrescenta um juramento a uma promessa não porque é obrigado, mas porque quer — quer apaixonadamente — que você tenha esperança inabalável. Ele insiste em que sejamos pessoas de esperança confiante, não de preocupação e incerteza. Ele quer que pensemos no futuro — e que sejamos totalmente confiantes sobre como tudo vai terminar.

E o **versículo 18** nos diz o resultado de tudo isso:

Ele fez isso para que, mediante duas coisas imutáveis [i.e., sua promessa e seu juramento], nas quais é impossível que Deus minta, nós, que já corremos para o refúgio, tenhamos forte alento, para tomar posse da esperança que nos foi proposta.

**Duas coisas imutáveis: a promessa e o juramento.** Dois pontos de ancoragem. E o propósito de Deus ao dar os dois é que você tenha forte alento para tomar posse da esperança — não apenas tê-la passivamente, mas lançar mão dela com as duas mãos e não deixar o mundo arrancá-la de você.

E quem são os destinatários?

“Nós, que já corremos para o refúgio” (v. 18).

Nas cidades de refúgio do Antigo Testamento, quem havia cometido homicídio involuntário corria para a cidade antes que o vingador chegasse — e dentro dos muros estava seguro. A imagem é de urgência, de desespero, de fé que não tem mais nada a perder — nem para onde correr.

É assim que se herda a promessa de Abraão. Não pela etnia. Não pela religiosidade. Não pelo esforço moral. Mas correndo para Deus como único refúgio — humilde, desesperado, sem mais nada em que confiar a não ser na sua palavra e no seu juramento.

Esse é o nosso Deus — o Deus que está alcançando o mais alto que pode alcançar para inspirar a sua esperança inabalável.

## **Corra para o refúgio**

Voltemos ao começo.

O cansaço de quem esperou demais. A oração sem resposta. O familiar que ainda não veio a Cristo. A perseguição que não finda. A esperança que vai ficando mais fraca à medida que o tempo passa. O autor de Hebreus conhecia esse perigo. E por isso ele nos

aponta para duas coisas que não mudam — duas ancoragens que nenhuma tempestade pode arrancar.

A promessa de Deus é imutável.

O juramento de Deus é inabalável.

Juntos, eles produzem o que Deus deseja para você: **forte alento para não desistir.**

Mas por que Deus prometeu? Por que jurou?

Porque amou.

E o amor que prometeu e jurou tem um nome e um rosto: Jesus Cristo. É nele que a promessa encontra seu sim definitivo. É nele que o juramento tem seu amém eterno.

Como Paulo diz em **2Coríntios 1.20**: “Todas as promessas de Deus têm em Cristo o ‘sim’.”

E o juramento — esse juramento solene pelo qual Deus empenhou a sua própria glória — foi selado não com palavras, mas com sangue. O sangue do Filho eterno.

Na cruz, Deus não apenas confirmou a promessa feita a Abraão. Ele a cumpriu — instituindo uma nova aliança, mais excelente, fundada em melhores promessas (Hb 8.6).

O Filho que ele não poupou é a garantia de que “certamente abençoará” todos quantos correm a ele — para sempre, sem revogação, sem cláusula de rescisão.

Pense nisso.

Deus Todo-Poderoso — o Criador do universo, o Juiz de toda a terra — deseja que você tenha esperança inabalável. E para garantir isso, foi até o limite do que era possível ir: jurou por si mesmo e entregou seu Filho. Não havia nada maior pelo qual pudesse jurar. Não havia nada mais precioso que pudesse dar. E fez os dois. Por você. Para você.

Não existe refúgio maior. Não há rocha mais sólida. Não há esperança mais certa.

**OH, CRENTE** — quando a esperança enfraquecer — e vai enfraquecer — não olhe para dentro de si em busca de força. Olhe para estas duas ancoragens: a promessa que Deus fez e o juramento selado no sangue de Cristo. Agarre-se a ele com as duas mãos. “Nós, que já corremos para o refúgio” — esse é o seu lugar. Cristo. Permaneça nele.

**AH, VOCÊ QUE AINDA ESTÁ FORA DE CRISTO** — o texto nos diz quem são os herdeiros da promessa: “nós, que já corremos para o refúgio.” Você ainda não correu. Mas o refúgio ainda está aberto. A promessa ainda está de pé. O juramento ainda vale.

Abraão tinha apenas uma esperança quando ofereceu Isaque: que Deus cumpriria sua palavra. E Deus cumpriu — em Cristo, que carregou o juízo que todos merecemos para que a bênção prometida a Abraão chegasse até você. Não importa de onde você vem. Não importa o que você fez. O que faz herdar a promessa é correr a Cristo — humilde, desesperado, sem mais nada em que confiar a não ser nele.

“Certamente eu o abençoarei” — disse Deus (Hb 6.14). Ele prometeu. Ele jurou. Ele cumpriu — na cruz do seu Filho.

Corra a ele. Com arrependimento e fé. Enquanto há tempo, há refúgio em Jesus Cristo.

**S.D.G. L.B.Peixoto.**